**ANDREA JAMARIQUELLI CASTILHO SANGUANINI**

**ANDRIANO SANGUANI**

**TEMA: GESTÃO FINANCEIRA: POUPAR INICIA- SE NA FAMÍLIA.**

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da família na gestão financeira familiar, pois, muitos pais ainda acreditam que dinheiro não é assunto de criança. Que elas devem se preocupar com os estudos, e que estes, as farão adultos bem sucedidos com um bom emprego e isso basta. Educação financeira não significa ensinar seu filho a economizar, mas sim aprender corretamente o manejo do dinheiro em busca de uma vida melhor. Nesse sentido, ao ensinar uma criança a lidar com dinheiro desde pequena, quando adulta terá maiores chances de aprender a administrar o seu salário e sua vida, vai saber economizar, cooperar, e a guardar para ter um futuro melhor. Pois poupar não quer dizer parar de comprar, deixando de fazer as coisas legais que isso proporciona, pelo contrário significa aprender a planejar, aprender a escolher, aprender a priorizar. Dessa forma, ter a possibilidade de realizar suas conquistas, cada vez mais.

**Palavras chaves: Educação financeira. Infância. Poupança.**

**Introdução**

Após ter contato com a Educação financeira às crianças mudam seu comportamento percebe - se com facilidade como ficam mais cuidadosas com seus brinquedos, suas roupas e seu dinheiro. Neste sentido a educação financeira pode ajudar as crianças a compreenderem o valor do dinheiro e ensiná-las a gerir orçamentos, cooperar e a poupar. Todas passam a adotar cofrinhos, ficam atentas aos preços das coisas, muitas abandonam ou reduzem o hábito de colecionar figurinhas e preencher álbuns, preocupam - se mais com a natureza e combatem mais desperdícios como a água, energia e alimentos, demonstram maior maturidade e consciência com a importância da poupança para o seu futuro (MODERNELL. 2009. Apud Pereira et al).

Decisões relacionadas à educação das crianças estão totalmente ligadas ao futuro das mesmas, e por isso, a preocupação dos pais deve ser redobrada. “Assim como ocorre no campo das finanças, escolhas ruins na educação mostrarão seus efeitos apenas no futuro” (CERBASI. 2006 p. 31).

O dinheiro também faz parte da vida das pessoas desde o momento em que nascem e é essencial que aprendem a conviver com ele equilibradamente. Modernell (2011) conceitua como ensinar a viver dentro do seu padrão econômico, eliminando desperdícios, aproveitando oportunidades, valorizando o próprio patrimônio, gerando rendas e focando no crescimento do patrimônio líquido familiar, para que o padrão se eleve num ciclo virtuoso, dentro das suas expectativas e possibilidades, até atingir a independência financeira. Há quem pense que a busca por educação financeira se confunde com uma acelerada corrida atrás de riqueza e fortuna. Atrás do primeiro milhão e dos milhões seguintes. Isso é um dos claros sinais da falta de educação financeira. Educação financeira é muito mais do que isso (MODERNELL, 2011). Para Hill (2009), educação financeira pode ser denominada como a habilidade que os indivíduos apresentam de fazer escolhas adequadas ao administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida. Não nascem com essas habilidades, elas são oriundas ao ”modelo de dinheiro”.

Nesta perspectiva, este artigo é bibliográfico descritivo e elaborado a partir de artigos e livros publicados sobre o assunto, tendo como problema central averiguar qual a importância das finanças pessoais na educação das crianças no contexto familiar. O foco está em trazer o conceito de finanças na família, como cooperar, economizar e poupar em família e relacionar o mesmo com alternativas para melhorar o desempenho das finanças pessoais, na infância, tendo como objetivo centrar demonstrar a importância da educação financeira na infância. Sendo para tal desmembrado em dois objetivos específicos, sendo o primeiro descrever os conceitos da educação financeira e poupança. E o segundo identificar como pode ser feita a educação financeira na infância. A metodologia utilizada busca responder ao problema de pesquisa e atender aos objetivos propostos. Assim, quanto à abordagem a pesquisa é qualitativa, pois são utilizados artigos, publicados em revistas e, capítulos de livros, para dar alusão ao tema, sem uso da estatística para aferir resultados. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como Cerbasi (2011), Modernell (2011), Caldas (2008), Kioyosaki (2000), entre outros.

Assim, além desta introdução, segue nas próximas seções o referencial teórico com os temas educação financeira, educação financeira na infância, e sua relação com finanças pessoais, por fim as considerações finais.

**2. EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

Na história da humanidade sempre existiu a necessidade de compra. Mas em uma época onde não existia o dinheiro era utilizado o método da troca. E assim, se trocava o que possuía com o que necessitava. Conforme D’Aquino (2008), inúmeros objetos e utensílios foram usados como dinheiro em diversos momentos da história e em diferentes lugares. Como o bacalhau, chá, penas de avestruz, presas de javali, cacau, ovos, pele de animais, enxadas, chaleiras, fumo, pregos, óleo de oliva, bois, mandíbulas de porco, anzóis, crânios humanos, arroz, moluscos, sal, escravos, marfim, bebidas como vodka, tecidos, fios de lã e de seda, conchas”. Um comércio denominado Escambo. Mais adiante, houve a descoberta dos metais (ouro, cobre e prata) e concluíram que a utilização destes era uma forma mais justa de se valorizar o que se obtinha para comercialização. Foi-se moldando estes metais, escriturando e, na idade média inventou o papel moeda. Os comerciantes da época passaram a guardar seus ouros com os ourives e recebiam em troca o papel moeda (Pereira, et al, 2009).

A partir do século XIX, nos Estados Unidos houve a construção das rodovias sentido oeste americano que sustentou e concentrou dinheiro e poder nas mãos de poucos. Com esse padrão social, as pessoas se distinguiam umas das outras pelo modo de produção (D’Aquino, 2008, pg. 5). Um exemplo, se você for carpinteiro, já seria claro partes da sua vida como, por exemplo, escolaridade, filhos, onde e como você mora, etc...) Com o desenvolvimento da economia capitalista, no século XIX (como dito anteriormente) a população teve que aprender a sobreviver com poucos e escassos recursos, uma vez que a maior parte das reservas se concentravam nas mãos de poucos.

Período este que, conforme D’Aquino (2008), querer e precisar passaram a fazer parte da vida das pessoas e era primordial. Segundo D’Aquino (2008), ”O capitalismo esta intimamente ligado ao consumismo da nossa atual sociedade”. Nesse sentido, construindo uma filosofia onde o que importa é o que se tem e não o que se é; Uma sociedade que tem que lhe dar com tudo que o dinheiro pode proporcionar que te passa à ideia que dinheiro é como sorvete: Um prazer momentâneo. Que te ensina rapidamente a gastar, mas não te ensina a obter nem tão pouco manter seu dinheiro. Sociedade esta palco de nossas crianças, que desde cedo já sabem o prazer que o dinheiro pode proporcionar, mas a maioria delas vão saber o valor do dinheiro somente quando jovens, com seu primeiro salário, alguma dificuldade financeira ou nunca (D’Aquino, 2008).

Segundo Modernell10 (apud Pereira et al, 2009), o principal marco que propiciou o advento da educação financeira foi o fim da inflação. Assim, anos mais tarde as pessoas perceberam que era importante planejar, entender mais sobre as finanças pessoais, defender-lhes das armadilhas do mercado, organizar as contas da família dentro outros elementos denominados educação financeira.

É através da Educação Financeira que consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão dos produtos financeiros e também desenvolvem habilidades e segurança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazerem suas escolhas e para saberem onde buscar ajuda, melhorando assim a relação com suas finanças (Site Vida e Dinheiro).

**2.1 Conceitos de Educação Financeira**

A educação faz parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos. É através dela que aprendemos as normas de nos interagir socialmente e como agirmos em todos os sentidos de nossa vida. E a educação financeira? O dinheiro também faz parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos e é essencial que aprendemos a conviver com ele equilibradamente. Modernell (2011), conceituada como ensinar a viver dentro do seu padrão econômico, eliminando desperdícios, aproveitando oportunidades, valorizando o próprio patrimônio, gerando rendas e focando no crescimento do patrimônio líquido familiar, para que o padrão se eleve num ciclo virtuoso, dentro das suas expectativas e possibilidades, até atingir a independência financeira. Há quem pense que a busca por educação financeira se confunde com uma acelerada corrida atrás de riqueza e fortuna. Atrás do primeiro milhão e dos milhões seguintes. Isso é um dos claros sinais da falta de educação financeira. Educação financeira é muito mais do que isso (Modernell, 2011). Para Hill (2009), educação financeira pode ser denominada como a habilidade que os indivíduos apresentam de fazer escolhas adequadas ao administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida. Não nascemos com essas habilidades, elas são oriundas do nosso ”modelo de dinheiro”.

**2.2 Poupança**

A poupança pode produzir uma segurança necessária para a vida do indivíduo, assim como os investimentos de uma pessoa podem ser mais precisos e planejados de acordo com as suas necessidades de curto e longo prazo, resultando em ganhos maiores para a vida financeira das pessoas. Poupar exige o adiamento do consumo presente, visando o consumo de algo maior no futuro. Dois objetivos motivam as pessoas a poupar, sendo um deles a possibilidade de consumir mais em certo tempo e o outro as adversidades causadas pelo envelhecimento e a queda de produtividade para a geração de receitas suficientes para arcar com as despesas.

**2.2.1 Por que as pessoas poupam?**

Segundo o autor John Maynard Keynes, em sua chamada “A Teoria Keynesiana da Demanda de Moeda”, há três motivos distintos para a conservação (poupança) da moeda:  *o primeiro para transação*, em que a moeda guardada  é necessária para os gastos futuros em bens e serviços; o *segundo por precaução*, em que o dinheiro é mantido devido à incerteza dos acontecimentos no futuro e o *terceiro para especulação*,  em que a moeda é retida, caso haja expectativa de que os investimentos financeiros tenham um retorno negativo durante certo período. Os economistas clássicos anteriores a Keynes, entendiam como racionais os motivos de precaução e para transação para se poupar moeda, mas consideravam irracional manter saldos de moedas além destas duas necessidades ou motivos, visto que moeda parada poderia render juros. Keynes introduziu a razão especulativa para se poupar como uma razão extra para se mantiver moeda ociosa. Para ele, “dependendo da relação entre as taxas de juros corrente e futuras, a moeda poderia ser uma reserva de valor melhor do que títulos”.

**2.2.2 Quais as vantagens e desvantagens da poupança?**

Muitas pessoas não poupam, gastando tudo o que ganham. Vivem nos limites das suas possibilidades.

Outras gastam ainda mais do que ganham. Vivem do crédito, muitas vezes acumulando dívidas umas atrás das outras que podem atingir valores insuportáveis.

Sair do ciclo vicioso do crédito e da dívida e viver dentro do limite pode não ser fácil. Passar depois para o nível seguinte, o nível da poupança, também requer esforço.

Esta alteração de hábitos acontece muito mais facilmente se percebermos bem as vantagens da poupança:

* Permite-nos acumular riqueza que podemos gastar no futuro. Por exemplo, podemos poupar para, no futuro, comprar uma casa ou pagar o curso dos filhos sem ter de recorrer a empréstimos.
* O que conseguirmos poupar vai render algum juro, mesmo que pouco.
* Dá conforto e paz de espírito saber que temos algum dinheiro guardado. Este é, sem dúvida, um dos maiores benefícios.
* Dá satisfação ter uma conta-poupança que vemos crescer, mês a mês.
* Podemos utilizar a poupança para abater alguma dívida que tenhamos, como o crédito à habitação ou o crédito automóvel.
* Permite-nos ter uma reforma mais tranquila, porque teremos mais dinheiro e mais segurança, quando já não pudermos trabalhar.

Mesmo que nunca precisemos usar este dinheiro, temos muitas vantagens em tê-lo! O rendimento que conseguirmos obter pode dar-nos direito a pequenos luxos, como umas férias num cruzeiro ou um carro novo.

Lembre-se: mais vale ter dinheiro a mais, do que viver com necessidade.

É claro que também há algumas desvantagens quando falamos de poupanças. Por exemplo:

* Se guardarmos dinheiro, estamos a gastar menos no presente e isso, de alguma forma, pode não ser bom, sobretudo se levarmos a poupança ao limite de deixar de comer para poupar!
* Se as nossas poupanças estão numa conta a prazo e retirarmos o dinheiro antes do fim desse prazo, podemos pagar uma penalização.
* Os juros que os bancos nos oferecem numa conta a prazo são, normalmente, baixos, comparados com outras formas de investimento.

É bom conhecer as vantagens e as desvantagens da poupança. Quase todos nós veremos que existem mais vantagens que desvantagens na poupança. Sobretudo porque, se pouparmos, estamos a guardar dinheiro para uma ocasião em que será mesmo necessário gastar dinheiro.

Um dia podemos precisar pagar uma cirurgia, ou comprar um carro novo, ou renovar o telhado da casa. Essa ocasião pode até nunca chegar! Mas, se chegar, e se nós tivermos dinheiro de lado poupado, será muito mais fácil lidarmos com essa despesa inesperada.

**3. Educação financeira na infância.**

Desde que surgiu o dinheiro, surgiu à necessidade de se pensar sobre ele. Uma equilibrada relação com o dinheiro é algo que deve ser pensado em nossas vidas. Assim sendo, quanto mais cedo, melhor. Segundo D’Aquino (20068, p.4), “a função da educação financeira na infância deve ser somente criar as bases para que na vida adulta nossos filhos possam ter uma relação saudável, equilibrada e responsável em relação a dinheiro.”

**3.1 conceito**

Para D’Aquino (2012), “educação financeira é a capacidade, possibilidade de ensinar a criança aqueles quatro pontos que eu uso sempre como referencia. Que ela seja capaz de aprender a ganhar dinheiro, ou seja, que ela seja capaz de resolver problemas, ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro que ela possível a ganhar. Ensinar a criança a ser capaz de poupar: Poupar é a capacidade de planejar no tempo a realização de um desejo, se há um beneficio nesse adiamento. Ensinar a gastar dinheiro: Gastar dinheiro é fazer escolhas. Então, a educação financeira precisa fazer bom uso do estimulo que as crianças se apercebam das escolhas dessa fase, das consequências dessa escolha. A educação financeira inclui dar as crianças condições de perceberem que elas são capazes de se doar em tempo e talento. Mas tudo isso tem que ser abrigado sob a convicção de que todo ganho e todo uso do dinheiro deve ser regido pela mais estrita ética. É essa convicção que abre portas para todos os outros tratamentos do assunto, todo ganho do dinheiro deve ser regido pela mais absoluta ética.”.

Já para Modernell (2011), educação financeira deve propiciar que as crianças aprendam a diferenciar necessidades de desejos e a perceber as possibilidades limitadas que o dinheiro pode atender. Elas devem aprender que podem sonhar um futuro financeiro melhor. Mas para realizá-lo, terão que aprender a fazer escolhas, a aproveitar oportunidades, a buscar formação e informação compatíveis com suas aspirações e muitas vezes a adiar desejos momentâneos para viabilizar a realização de algum objetivo importante. Terão que criar hábitos financeiros saudáveis que as afaste do consumismo desenfreado, mas, ao mesmo tempo, estimule-as a desfrutar dos prazeres que o dinheiro pode oferecer, sem tornarem-se escravas dele. Modernell, (2011), como exemplo, cita que é como estimular as crianças a aprender a juntar e manter seu próprio dinheiro, para que elas possam comprar um sorvete sempre que queiram, mas que não se sintam tentadas a comprar logo em seguida o segundo, o terceiro ou o sorvete mais caro que houver, acabando com todas suas economias, expondo-as à frustração no dia seguinte de não poder comprar outro sorvete, porque gastaram todo o dinheiro no dia anterior. É fato que, ler e escrever são importantes em todos os momentos e aspectos da vida (Tanto pessoal quanto profissional). E, é fato também que, aprender isso quando criança será mais vantajoso e proveitoso que aprender na fase adulta. Em todos os momentos da vida a alfabetização será útil: No preparo de uma receita na cozinha, fazer qualquer curso, ler um livro, pegar um ônibus, assinar um documento, etc.

A alfabetização financeira é tão importante quanto, pois, a todo o momento manipulamos o dinheiro. Ele afeta diretamente nossa vida pessoal e, é (para a maioria) a razão da vida profissional. O que vemos frequentemente são jovens despreparados endividados, sofrendo com o consumismo, sem saber planejar o próprio futuro.

Para Cerbasi (2011), dinheiro deve fazer parte do cotidiano da criança para que não sejam criados bloqueios capazes de dificultar seu uso na vida adulta.

**3.2 Por que ensinar?**

Nossos pais, e muitos de nós mesmos que passamos pelo período de instabilidade econômica ainda carregamos estas “feridas” em nossas vidas financeiras. Passar adiante para as futuras gerações é condená-la ao horror, levando em consideração as mudanças externas. Segundo D’Aquino (2008, p. 9),”como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensina – lá a nossos filhos”. Conforme Santos, a ausência da noção básica de dinheiro pode atrapalhar a vida financeira da criança por toda sua vida. Ela pode se formar ser um excelente profissional, ganhar muito dinheiro porem não conseguir administrar sua vida financeira porque no seu berço não foi transmitido tal informação.

Conforme Vilhena ( 2011), “não foi possível ou não sabíamos da importância de cuidar da inteligência financeira de nossos jovens e crianças. Ainda assim, com o tempo ele acabará aprendendo as melhores condutas e os comportamentos financeiros adequados, mas o caminho será mais difícil. Os erros, é claro, sempre ensinam.”.

O principal objetivo de se educar os filhos em relação a dinheiro deve se leva-los a atingir maturidade financeira, ou seja, a capacidade de adiar desejos de agora em função de futuros benefícios. D’Aquino (2008, p. 18). É de a natureza humana obter a satisfação imediata em todos os sentidos. A educação financeira para criança deve ser um projeto permanente, não existe idade certa para começar, a necessidade aparece na vida de todos os pais, normalmente junto com os famosos pedidos compra isso, quero aquilo. Vilhena, (2011) diz que após relembrar que as crianças estão muito atentos a cada atitude nossa, procure desenvolver a inteligência financeira deles através de conversas informais sobre conceitos como pagamento à vista, a prazo, descontos, renda, mensalidade e etc. Compare valores mostrando a relação custo-benefício, fale da importância de poupar e dos perigos do consumismo. Sempre dentro de um clima agradável e respeitando a idade de cada um.

**3.3.** **Importância da educação financeira na infância**

“Não será pequena a diferença, então, se formamos nossos hábitos de uma maneira ou de outra desde a nossa infância; ao contrario, ela será muito grande, ou melhor, ela será decisiva.” Aristóteles (apud D’Aquino, 2008, p. 135). Nesse sentido, hábitos obtidos na infância são essenciais para toda nossa vida. Quem aprende melhor a lhe dar com dinheiro: A criança se educada mais tenra idade ou o adulto que perdeu uma condição financeira estável e tranquila? Por várias vezes a criança porque se os pais adotam o sistema de mesada está dando chance do filho, ocasionalmente, falir. Falir com tão pouco dinheiro ensina a evitar as grandes falências na vida adulta. (D’Aquino, 2003). Conforme D’Aquino (2007), constrói-se as bases de nossa relação com o dinheiro até os cinco anos de idade. A partir daí, a tendência a repetir os mesmos padrões de comportamento, sem conseguir estabelecer modificações realmente consideráveis, vai se consolidando no decorrer da vida. Além de desenvolver um modo saudável, responsável e ético na relação com o dinheiro, a educação financeira para crianças prepara para desafios muito específicos ao tempo que vivemos. Assim sendo, por várias razões, a criança, educada financeiramente, aprende melhor a lidar com o dinheiro do que o adulto que perdeu uma condição financeira estável e tranquila. É nos primeiros quatro ou cinco anos de idade que as crianças aprendem muitos dos valores morais ensinados. Elas começam a respeitar os outros e a ter consciência dos sentimentos e das necessidades das outras pessoas. Nos primeiros anos, a criança deve aprender a ter autoconfiança suficiente e a ter coragem de encarar o desafio. A melhor maneira de aprender é correndo o risco de errar. A vida das crianças não pode ser só de alegrias. Elas têm de experimentar o esforço ou o trabalho mediante recompensa (nem sempre imediata), pois senão poderão sofrer desapontamentos pelo resto de suas vidas, diz Sparrow (Apud Freitas).

**4. Educação financeira em família**

É preciso, ainda, compreender que a família também possui responsabilidades na educação financeira. Não há um consenso entre os autores que estudam o tema se a responsabilidade de educar financeiramente cabe à família ou a escola, entretanto, é elucidativa que estas duas esferas são complementares nessa tarefa. Ewald (2010) defende que a família é a principal responsável pela educação financeira, sobretudo por ser quem oferece exemplos. Porém, nem sempre a família, por si própria, possui condições para realizar a alfabetização financeira. Sendo assim, Ewald (2010) reconhece que a escola ao criar e desenvolver projetos de educação financeira deve, primeiramente, reunir os pais, apresentar a proposta de trabalho e mostrar que o exemplo vem de casa. Desse modo, fica claro que a família deve receber da escola o apoio necessário para desenvolver a sua função, aprendendo com essa a como lidar com os filhos nas situações que envolvem finanças e orçamento doméstico. É imprescindível que haja uma articulação entre as três dimensões no processo de alfabetização financeira, na qual o Estado deva oferecer apoio para as escolas, com relação à ampliação e capacitação de recursos humanos bem como um aparato legal, entre outros; a escola, por sua vez, consiga efetivar a alfabetização financeira, enquanto uma disciplina contínua durante toda a vida escolar, desde o ensino fundamental até o médio e, possa, dessa forma, inserir a família no contexto para que a mesma adquira a possibilidade de vivenciar, conjuntamente, aquilo que é transmitido aos seus filhos e seja capaz de também educá-los financeiramente no ambiente doméstico.

**4.1. Planejamento Familiar e os meios utilizados para conscientização e educação financeira dos filhos.**

A história econômica brasileira não favorece o ensinamento da educação financeira, não há o hábito da conversa sobre dinheiro, investimentos e planejamento com filhos. A realidade de nossos pais e avós era bem diferente da que se vive atualmente. Não havia possibilidade de se criar um planejamento financeiro, pois com a inflação nem sabiam o valor do salário do mês seguinte. Só se tornou possível planejar em longo prazo posteriormente ao Plano Real. A rotina do dinheiro só era necessária após certa idade, com o trabalho. Não havia instrução financeira e essa falta de noção é prejudicial à vida da criança, podendo dificultar toda sua vida. Segundo Vilhena (2011) “aprendizagem é o caminho mais eficaz para que seu pequeno se transforme em um adulto capaz de lidar com o dinheiro de uma forma inteligente”. Para a autora os pais são os maiores responsáveis pelo aprendizado da criança.

Conforme Cerbasi (2013) as decisões com relação ao dinheiro devem ser discutidas e explicadas para as crianças. A inicialização das crianças na educação financeira deve ser iniciada cedo, não existe uma idade certa, porém o exemplo e a explicação têm que estar sempre presentes. Por exemplo, ao realizar uma compra à vista deve-se explicar o porquê de esperar um pouco mais para o acúmulo do dinheiro para a compra. O comportamento financeiro dos pais é imprescindível na formação da criança, afinal, devem dar o exemplo. Se você não economiza água, seu filho não economizará. Para o autor “não adianta exigir dos filhos que guardem dinheiro no cofrinho se os pais não têm também seu cofrinho – mesmo que acumulem menos que os filhos. Não adianta pedir para economizar energia elétrica e deixar as luzes acesas na casa inteira” (Idem, 2013, p. 102). A imposição de limites é também um aliado à formação do filho. Regras para consumo de produtos caros e supérfluos deverão ser estabelecidas, e também deverão ser seguidas pelos pais. Assim, deve-se evitar a compra destes, a título de exemplo, a compra de um vídeo game em uma data não comemorativa. “Para uma criança de 3 anos, ganhar um carrinho com controle remoto pode ser tão bom quanto ganhar uma bola ou um skate” (Idem, 2013, p. 100-101). O contato com o dinheiro desde cedo ajudará no entendimento do mesmo pela criança, porém o conceito de mesada deverá ser discutido entre pais e filhos de acordo com suas necessidades e possibilidades. De acordo com a maturidade do filho defina pagamentos quinzenais, para crianças menores, ou mensais, para os mais velhos. O filho deverá se organizar para que o dinheiro não acabe antes do prazo, e caso ocorra terá de se reorganizar para que no próximo período não aconteça novamente.

**5. Considerações finais**

Considerando a influência que o exemplo dos pais exerce sobre as crianças, que estes foram criados em um período onde não se falava em educação financeira, sendo que o assunto é relativamente novo no Brasil, despertou- se o interesse em explora-lo, para conhecer sua amplitude, importância e impacto. Para investigação do assunto, formulou-se a seguinte hipótese: “A educação financeira, na fase de desenvolvimento, pode contribuir para uma relação equilibrada com o dinheiro, proporcionando à criança maiores chances de se tornar um adulto consciente no que tange às suas finanças e aliada a educação de qualidade formaríamos melhores cidadãos. Utilizando-se de pesquisas bibliográficas, foi possível compreender o processo de educação financeira e seus valiosos ensinamentos em relação ao dinheiro em longo prazo. Uma criança aprende melhor a lidar com dinheiro quando detém de uma educação financeira, do que um adulto que teve que aprender com os erros, pois a base do modelo financeiro é construída na infância (em torno dos 5 anos de idade). Nesta fase ela vai correndo as impressões que serão levadas para toda vida. Nesta fase, se forma a maneira como ela percebe o dinheiro: como fonte de prazer, segurança, irritação, sofrimento, preocupação, a capacidade de se organizar como algo que traz benefício, ou como algo impossível. O processo de educação financeira é longo. É ensinar uma criança para que, na fase jovem e adulta (quando obter nas mãos responsabilidades com a administração do dinheiro) ela saiba aplica-la. Questão relacionada ao dinheiro está ligado a ensinamentos de organização, planejamento controle, responsabilidade, equilíbrio e, principalmente a ética formando melhores cidadãos. A criança exercita algo essencial como fazer escolhas: Gastar dinheiro é fazer uma escolha, juntá-lo é fazer uma escolha. Com isso ela tende a pensar antes de agir para fazer suas escolhas, passa a planejar, olhar o futuro, passado e o presente simultaneamente, criando sentimento de calma e menos ansiedade, segurança e confiança em si mesma. Contudo, a educação financeira deve ser bem estruturada respeitando a fase de cada criança, estando atenta a crianças que não gastam, pois isso leva a uma educação financeira desequilibrada onde a criança se tornará um jovem e adulto avarento, não sabendo aproveitar as coisas boas da vida que o dinheiro pode proporcionar. E sempre atenta aos exemplos dados, à criança aprende com o que vê e o que ouvi. Os pais sempre ensinam mesmo quando não estão ensinando, de maneira errada, mas estão. É necessário ressaltar que a educação financeira vem de casa, como qualquer educação. A família é a primeira responsável por esses ensinamentos. Á escola cabe apenas à função de fortalecer esse ensinamento. Em uma entrevista com D’Aquino ela diz que o papel da escola é fazer com que os alunos sejam capazes de pensar de maneira critica, de maneira autônoma, e interessada em encontrar soluções para seus problemas. Ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro que ela possível a ganhar.

O ato de educar é um ato de amor, só se educa a quem queremos bem. Como qualquer outra educação, a educação financeira não é diferente. Essa educação é muito mais do que ensinar a criança a lhe dar com o dinheiro, pois a parte monetária é pequena. A maior parte esta ligada no que se aprende através do dinheiro: Resolver problemas, fazer escolhas, a capacidade de se doar em tempo e talento, capacidade de se planejamento, princípio da ética. No entanto, o conceito de Educação financeira no Brasil é distorcido. Muitos ligam como ficarem milionários, a corrido pelo primeiro milhão, os livros de educação financeira é classificado com autoajuda.

**REFERÊNCIAS**

CALDAS, Savana. **Pais e mães enfrentam o consumismo infantil no Dia das Crianças**. Out. 2011.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos: finanças para casais**. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. **Filhos inteligentes enriquecem sozinhos: Como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro**. São Paulo: Editora Gente, 2006.

CERBASI, Gustavo. **Pais inteligentes enriquecem seus filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

COSTA. M.C. **Finanças pessoais: um estado de arte**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Economia, Administração e contabilidade – USP. São Paulo, 2004.

D’AQUINO, Cássia de. **A importância da educação financeira**. Fev. 2003.

D’AQUINO, Cássia de. **Educação financeira. Como educar seus filhos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

EKER, T. H. **Os segredos da mente milionária: aprenda a enriquecer mudando seus conceitos sobre dinheiro e adotando os hábitos das pessoas bem-sucedidas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

HILL, N. **Quem pensa enriquece**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

KIOYOSAKI, Robert T.; Lechter, S.L. **Pai Rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** Ed. 66°, Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

PREGADIER, A. **Finanças é coisa de criança**. Intusforma Educação Financeira. 2014.

SOUZA, Débora Patrícia de. **A Importância da Educação Financeira Infantil.** 2012. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, 2012.

VILHENA, Bernadette. **O sucesso financeiro dos seus filhos virá do conhecimento**. Set. 2011.